

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DOM BOSCO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DOM BOSCO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ENILAINE KATHALYNG SANTOS CELSO
JENNYFER APARECIDA FARIAS LEITE**

EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DO AUTISTA

RESENDE

2021

Enilaine Kathalyng Santos Celso
Jennyfer Aparecida Farias Leite

EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DO AUTISTA

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Educação Física, da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Associação Educacional Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Me. Romana Rosas Almada

RESENDE
2021

Catálogo na fonte
Biblioteca Central da Associação Educacional Dom Bosco – Resende-RJ

C394 Celso, Enilaine Kathalyng Santos
Educação Física no desenvolvimento global do autista / Enilaine
Kathalyng Santos Celso; Jennyfer Aparecida Farias Leite - 2021.
38f.

Orientador: Romana Rosas Almada
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à
finalização do curso de Educação Física da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras Dom Bosco da Associação Educacional Dom Bosco.

1. Educação física. 2. Autismo. 3. Inclusão. I. Leite, Jennyfer
Aparecida Farias. II. Almada, Romana Rosas. III. Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras Dom Bosco. IV. Associação Educacional Dom Bosco.
V. Título.

CDU 796:376.43(043)

Enilaine Kathalyng Santos Celso

Jennyfer Aparecida Farias Leite

EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DO AUTISTA

Monografia apresentada à Associação Educacional Dom Bosco, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco Curso de Licenciatura em Educação Física, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Educação Física.

BANCA AVALIADORA:

Prof. Dr. Marcelo Guimarães Silva

Prof. Me. Monique Moura Ramos

Prof^a. Me. Romana Rosas Almada
(Orientadora)

Resende, 17 de novembro de 2021.

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho primeiramente a Deus que nos concedeu esse momento importante em nossas vidas, pela oportunidade da vida, do estudo e principalmente da saúde para conseguir chegar em todas as etapas.

Também aos nossos familiares pelo apoio e compreensão de todas as situações passadas durante esses quatro anos, foram momentos de altos e baixos, mas que fizeram todo diferencial no processo.

Não poderíamos deixarmos de dedicar esse trabalho em especial a nossa querida orientadora Romana Almada Rosas, que não só nos passou diversos de seus conhecimentos por todos os anos, como também no último ano aceitou encarar esse desafio juntos a nós com toda atenção, cumplicidade e capacidade que lhe habita. Foi nela que nos inspiramos em realizar nosso trabalho por se tratar de uma grande incentivadora em aumentar o conhecimento na inclusão.

AGRADECIMENTOS

Eu, Enilaine Kathalyng Santos Celso dedico esse trabalho primeiramente a Deus por me dar a oportunidade de vivenciar esse momento, realizar esse curso e me qualificar para ajudar a sociedade.

Agradeço também a minha família por me apoiar e me acompanhar nesse trajeto, aos meus professores pela dedicação, carinho, atenção, disciplina, profissionalismo e cuidado que tiveram com todos nós, ainda mais por dois anos passando por uma longa pandemia, não mediram esforços para nos ensinar.

Fica meu eterno agradecimentos sem mencionar nomes a todos aqueles que estão em meu coração e fizeram parte dessa história.

Eu, Jennyfer Aparecida Farias Leite agradeço a Deus por ter me dado força para superar as dificuldades e por me dar a oportunidade de passar por esse momento.

Aos meus pais, irmãos e meu namorado que me incentivaram e me apoiaram nessa etapa da minha vida.

Agradeço também a todos os meus professores, por todos os ensinamentos e correções que auxiliaram nessa fase, agradeço em especial a minha orientadora Romana, por todo suporte, correções e todos os incentivos.

E a todos que de forma direta ou indireta fizeram parte da minha formação.

Deixo aqui meu eterno agradecimento.

RESUMO

Essa é uma pesquisa de revisão de literatura que resultou no trabalho de conclusão de curso (TCC). Portanto, foi realizado análises textuais, de artigos, livros e revistas, com ênfase na área escolar e autismo. Um dos objetivos é visualizar por meio da revisão bibliográfica como é o desenvolvimento global do aluno autista nas aulas de Educação Física, aprendendo e compreendendo quais são as metodologias a serem aplicadas nas aulas inclusivas, para que possamos propor atividades inclusivas voltadas para os autistas. Por se tratar de um trabalho que não envolve pesquisa de campo e nenhum indivíduo, não há necessidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Porém, cresce de importância a idoneidade em preservar a ideia central do texto, citação dos autores e identificação das fontes. Para a realização dessa pesquisa bibliográfica, foram utilizados sites: Google acadêmico, SciELO, LILACS e homepages. Possuindo um período de embasamento de 2007 até 2021. Foi possível visualizar em nossos resultados que é escasso a relação de posicionar a Educação Física como uma área que atua para beneficiar os alunos autistas. Também foi constatado falta de pesquisas em relação aos desafios dos professores em realizar a inclusão. Outra questão não encontrada nas pesquisas se relaciona em mencionar atividades que auxiliariam de uma forma global o aluno autista partindo desta disciplina. De modo geral, em nossa pesquisa, observamos que a Educação Física traz grandes benefícios ao TEA (Transtorno Espectro Autismo) de maneira global, mesmo que pouco mencionado e reconhecido, ele tem a proposta de desenvolver e compreender o seu lado individual através do ensino aprendizagem e qualidade de vida.

Palavras-chaves: Educação Física. Autismo. Escola. Inclusão. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This is a literature review research which will result in the course completion work (TCC). Therefore, textual analysis of articles, books and magazines was carried out, with an emphasis on school and autism. One of the objectives is to visualize, through a bibliographic review, how the overall development of the autistic student is in Physical Education classes, learning and understanding the methodologies to be applied in inclusive classes, so that we can propose inclusive activities aimed at autistic people. As it is a work that does not involve field research and no individual, there is no need for the Informed Consent Form (FICF). However, the suitability of preserving the central idea of the text, citing the authors and identifying the sources grows in importance. To carry out this bibliographic research, websites were used: Academic Google, SciELO, LILACS and homepages. It has a baseline period from 2007 until 2021. It was possible to see in our results that the relationship of positioning Physical Education as an area that works to benefit autistic students is scarce. There was also a lack of research in relation to the challenges faced by teachers in achieving inclusion. Another issue not found in the research is related to mentioning activities that would globally help the autistic student starting from this discipline. In general, in our research, we observed that Physical Education brings great benefits to ATE (Autism Spectrum Disorder) globally, even if little mentioned and recognized, it has the proposal to develop and understand your individual side through teaching, learning and quality of life.

Keywords: Physical Education. Autism. School. Inclusion. Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	11
1.2 Objetivos	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos	12
2 REFERENCIAL METODOLÓGICO	13
2.1 Tipo de Pesquisa	13
2.2 Amostra e População	13
2.3 Métodos	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3.1 Educação Física.....	15
3.1.1 História da Educação Física	15
3.1.2 Importância da Educação Física no Desenvolvimento Global	16
3.2 Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	17
3.2.1 História do TEA	17
3.2.2 O que é o Autismo e quais são suas características	19
3.2.2.1 Aspectos Cognitivos	20
3.2.2.2 Aspectos Sociais	21
3.2.2.3 Aspectos Motores	22
3.3 O Autismo e a Escola	23
3.4 O Autismo e a Educação Física.....	25
3.5 Como realizar atividades que envolvam o aluno Autista	26
3.5.1 Proposta de atividades que possibilitam a interação dos alunos autistas nas aulas de Educação Física	27
3.5.1.1 Educação Infantil	27
3.5.1.2 Ensino Fundamental I e II	28

3.5.1.3 Ensino Médio	29
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma das disciplinas que possui ligação direta com movimentos corporais e motores, visualizando desenvolver e aperfeiçoar através das práticas de atividades físicas. (SILVA et al., 2011).

Ela tem a capacidade de abrangência global em seres humanos, tendo como objetivo proporcionar uma qualidade de vida saudável em forma lúdica e educativa, permitindo ao educando exercer todas as suas potencialidades, desenvolve as funções mentais, a coordenação motora, a criatividade, a livre expressão e a sociabilidade, também auxilia no desenvolvimento global do indivíduo, isto é, no aspecto cognitivo, psicomotor e afetivo (BRASIL, 2001).

Existem diferentes correntes que se baseiam na Educação Física Escolar; uma delas, a da saúde, considera a Educação Física como sendo um agente promotor da saúde, na medida em que serve para prevenir doenças, na competência como treino ou preparação desportivo/a para o desenvolvimento do chamado alto rendimento; no lazer, esta corrente segue através das atividades lúdicas, para vincular o sujeito com o meio; outra corrente é pela expressão corporal, a partir da influência que recebe da dança, do yoga e da música (PIZARRO, 2011).

Lovisoló (1995) acredita-se que a Educação Física seja uma disciplina e não uma ciência, pelo fato de não estudar nenhum objeto em particular, e sim estudar o corpo humano e por tomar elementos de diversas ciências para conformar o seu quadro de aplicação.

O Transtorno do Espectro Autista mais conhecido como TEA reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância. São elas: Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger (APA, 2013).

As ocasiões que causam o TEA ainda são despercebidas ou não completas, embora as pesquisas científicas se dispuseram em realizar pesquisas detalhadas para análise de mutações espontâneas que podem ser geradas desde feto ou

transpassadas geneticamente de pais para filhos. O distúrbio afeta a comunicação e capacidade de aprendizado e adaptação da criança. Na forma qualificada como de baixa funcionalidade, a criança praticamente não interage, vive repetindo movimentos e apresenta atraso intelectual. O quadro provavelmente vai exigir tratamento pela vida toda. O tratamento deve ser multidisciplinar, englobando médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e pedagogos. Em resumo, tudo isso visa incentivar o indivíduo a realizar sozinho suas tarefas. Nesse caso a Educação Física se tornou grande aliada também nesse tratamento auxiliando um desenvolvimento global do aluno a partir de suas propostas pedagógicas (ASPERGER, 1994).

Vatavuk (1996) explica que o local da atividade física pode ser aberto, porém alguns cuidados são importantes, como: evitar estímulos visuais ou auditivos para não distrair o aluno e, assim, ele perder interesse pela atividade; utilizar recursos para que o aluno compreenda o início e o fim das atividades, de modo a executá-la com maior êxito; e, no fim de cada exercício, abrir um intervalo para que ele possa fazer algo do seu interesse.

Para Tomé (2007), a Educação física relacionada ao autismo não deve ser exercida de forma técnica ou fundamentada, a mesma tende a ter como objetivo trabalhar o desenvolvimento global do autista envolvendo interação social, qualidade de vida e desenvolvimento motor.

Além disso, é de suma importância a relação com a família, para uma troca de informações e interesses, facilitando o planejamento das aulas e aplicando, assim, atividades que o aluno tenha mais familiaridade.

1.1 Justificativa

A presente pesquisa estuda a ligação entre educação física e autismo dentro do ambiente escolar, seus benefícios, desafios, estruturação docente e diversas situações vivenciadas pelos professores, como eles realizam seu trabalho com o público da pesquisa. Ao longo desta pesquisa relatamos sobre os níveis de autismo e seus comportamentos, como o professor deve avaliar o aluno e como devem ser conduzidos estes alunos durante as aulas. Aumentar a visibilidade da inclusão em

nosso meio, como forma de todos analisarem e trabalharem juntos para que possamos vivenciar uma sociedade mais igualitária.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Pesquisar a procedência do desenvolvimento global do aluno autista no ambiente escolar na disciplina de Educação Física;

Visualizar por meio da revisão bibliográfica como é o desenvolvimento global do aluno autista nas aulas de Educação Física;

1.2.2 Objetivos Específicos

Conhecer o aluno autista e compreender a ligação Educação Física Escolar e Autismo;

Descrever as metodologias a serem aplicadas nas aulas consideradas inclusivas;

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

2.1 Tipo de Pesquisa

Esta é uma pesquisa de revisão de literatura onde resultará no trabalho de conclusão de curso (TCC). Foi realizado análises textuais de artigos, livros e revistas, com ênfase na área de Educação Física Escolar e Autismo.

2.2 Amostra e População

Por se tratar de uma pesquisa de revisão de literatura, não houve amostra e população relacionado nesse trabalho.

2.3 Métodos

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, pág. 183): “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses...”.

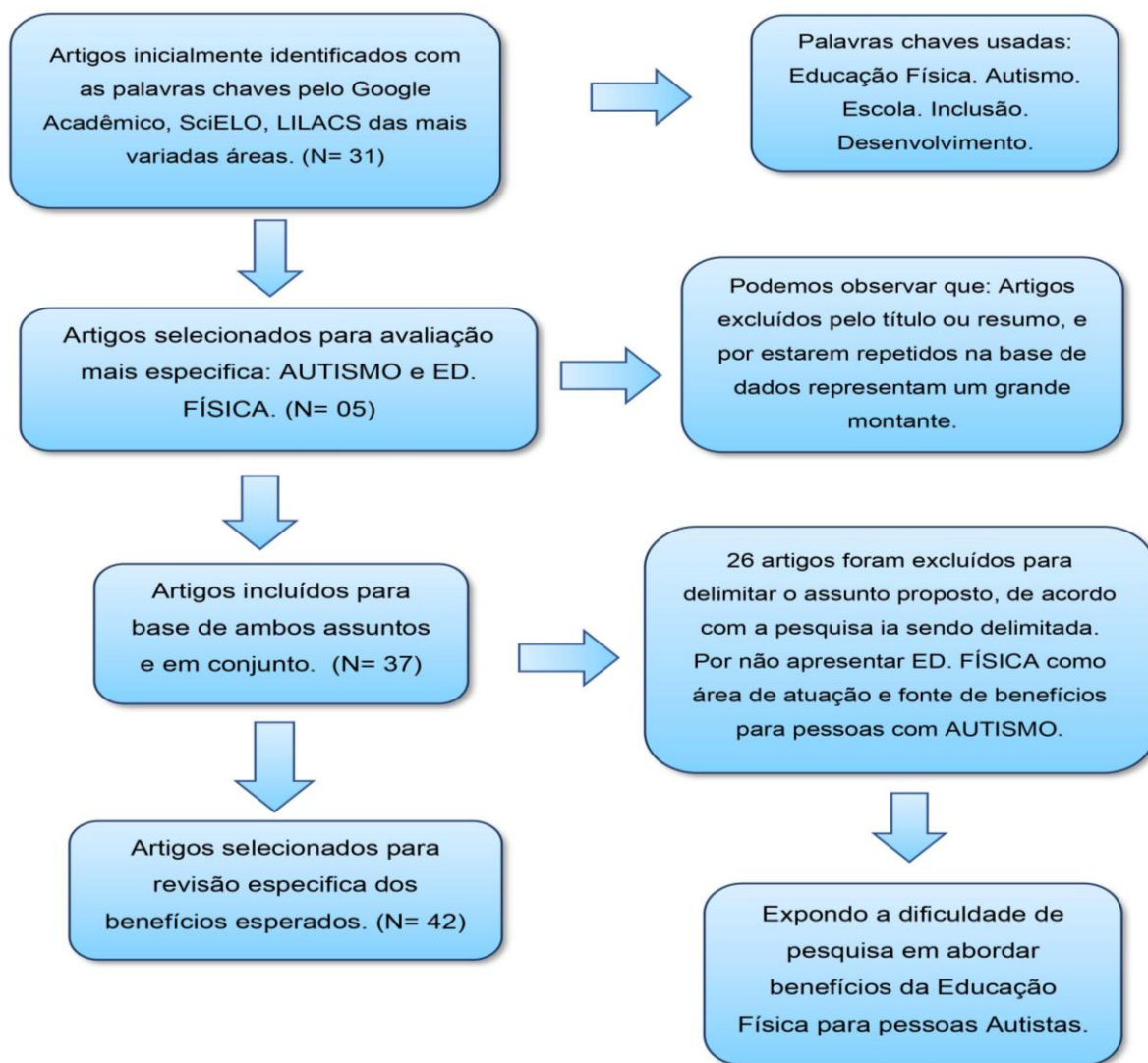
Para a realização dessa pesquisa bibliográfica, foram utilizados sites: Google acadêmico, SciELO, LILACS e homepages.

A pesquisa ocorreu através de palavras-chave, são elas: Educação Física, Inclusão, Autismo, TEA, Educação Física Escolar, Desenvolvimento Global; a fim de nos informar como se dá o desenvolvimento global do autista.

Foram encontrados 42 estudos: 05 relacionados à Educação Física, 37 relacionados ao Autismo. O período analisado foi entre os anos de 1972 a 2020.

Os artigos foram selecionados por classificações; primeiramente utilizamos palavras chaves como: Educação Física, Autismo e Escola. A partir dessas palavras, selecionamos as pesquisas de acordo com a proposta esperada dos artigos. Finalizamos expondo a dificuldade de realizar pesquisas de Educação Física inseridas no Transtorno Espectro Autista.

Figura 1 - Seleção dos artigos investigados no presente estudo.



Fonte: As Autoras (2021)

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Educação Física

3.1.1 História da Educação Física

A história da Educação Física se inicia junto com a história brasileira, na qual os índios de diferentes idades realizavam danças, brincadeiras e saltos em seu dia a dia de acordo com suas rotinas e cultos. Todo esse momento foi relatado nas cartas de Pêro Vaz de Caminha no ano de 1500. Segundo Ramos (1982) tratou-se das primeiras atividades de recreação e ginástica realizadas pelos seres humanos. De acordo com Gutierrez (1972), essas atividades físicas ainda não nomeadas naquela época, porém tendo características de cunho natural de algum modo foram relacionadas ao que chamamos atualmente como cultura primitiva.

Após os indígenas, no período colonial, surgem os escravos também com suas características, criando novas atividades físicas como a capoeira. Utilizavam uma forma de luta corporal entre dois indivíduos sendo um dos primeiros elementos da Educação Física no Brasil. A partir de 1823, foi elaborado um “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”, nesse tratado solicitava que a educação englobasse a saúde do corpo e a cultura do espírito dividindo-os em duas partes: 1º: os que exercitavam o corpo e 2º: os que exercitavam a memória. (GUTIERREZ, 1972)

Em 1851, também iniciou a Educação Física Escolar no Brasil conhecida primeiramente como ginástica. Somente em 1882 que se nota a importância da ginástica na formação dos alunos. Através de Rui Barbosa que realizou um projeto em busca de instituir a obrigatoriedade da ginástica no ensino normal em todas as escolas, e que todos os gêneros participassem das aulas com uma igualdade em relação a autoridade dos professores de ginásticas, da mesma forma que os professores de outras disciplinas. (DARIDO; RANGEL, 2005)

A partir do ano de 1920, a Educação Física passa a ser visualizada por outras instituições e nesse momento começam a ser realizadas grandes movimentações nas reformas educacionais. Escolas de ensino próprio da disciplina são abertas com o objetivo da formação militar. Logo após a criação do Ministério da Educação e Saúde, a disciplina vem dando destaque aos meios governamentais tornando-se

obrigatória no ensino secundário, sendo inserida nas constituições brasileiras e leis. (RAMOS, 1982).

Meados da década de 1960, a Educação Física Escolar mantinha suas características de forma calistênica e gímnica, mas com o aumento do poder executivo na qual o governo planejou utilizar escolas privadas e públicas no regime militar como fonte, houve mudanças no sistema educacional. O governo investia na Educação Física para que a mesma fosse um amparo ideológico colocando esportes em seu programa incentivando em esportes de alto nível na tentativa de fortalecer o esportivismo fazendo com que o indivíduo buscasse seus rendimentos, habilidade e fortalecimento através do esporte. (DARIDO; RANGEL, 2005)

A Educação Física foi se desenvolvendo, descobrindo novas concepções pedagógicas e até hoje vem se reformulando através de todo seu conteúdo. Sendo assim, ela iniciou fortemente com conteúdos esportivos e gímnicos e atualmente vem com a proposta de saúde renovada principalmente dentro das escolas, pelo fato da mudança do nosso cotidiano durante todos esses anos.

Existe hoje em dia tendências, abordagens, modelos e diversas concepções na tentativa de modificar o modelo tradicional, mecânico e esportista de décadas passadas. Seu objetivo vai além do desenvolvimento motor, ela aborda todos os aspectos sendo eles motor, cognitivo e social, colocando a nós professores a responsabilidade através do jogo, brincadeira, ginástica, esporte, dança, etc. Outra forma é trabalhar as vivências sociais e políticas vivenciadas pelos alunos como forma de tratar do conhecimento cultural de cada um (DARIDO; RANGEL, 2005).

3.1.2 Importância da Educação Física no Desenvolvimento Global

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) de 1998, relata que a Educação Física realiza durante as práticas de suas atividades uma contribuição para o desenvolvimento motor, através do conhecimento do seu próprio corpo como ponto perceptivo favorecendo suas mudanças e aprimoramentos. (BRASIL, 1998)

Gaiarsa (2002) disserta que nosso corpo sofre diversas reações orgânicas por conta do emocional e todos os cuidados que damos a ele sendo físico ou emocional auxilia no bom funcionamento. Freire (1997) também relata que as ações motoras formadas por recursos biológicos, psicológicos e sociais agregam para a formação

do indivíduo. A linguagem verbal, corporal entre outras todas estão interligadas para que haja uma compreensão de um indivíduo para o outro. Sendo assim, a Educação Física se torna um fator importante na construção da identidade dos seres humanos, através de sua ciência do movimento que ampara os aspectos cognitivos, motores e sociais (MEDINA, 1983).

A disciplina aborda a psicomotricidade que se dá desde os primeiros gestos, nos primeiros meses de vida de uma criança, e se amplia de acordo com o crescimento corporal. Essa é a base fundamental de aprendizagem para o processo cognitivo, tornando-se essencial no desenvolvimento global, pois a Educação Física por ser uma disciplina atrativa, interativa e que proporciona grandes resultados positivos entre aluno e professor, possibilita essa aprendizagem global respeitando o ser individual de cada um (ROCHEAL, 2009).

Os jogos, as formações de equipes, manifestações culturais entre outros, causam um impacto na vida social do aluno, fazendo com que o mesmo se agregue a diferentes culturas, grupos sociais e demais agrupamentos. Assunção e Coelho (apud SERAFIM et al, 2009) comentam que a Educação Física através da psicomotricidade proporciona a afetividade estabelecida em relação professor e aluno, trabalhando com jogos o autoconhecimento, funções cognitivas e a relação corporal com o mundo em que vivenciamos.

Fonseca (1988) relata que o funcionamento do movimento se constrói em função de um objetivo, a interação do movimento com a expressão torna o movimento a parte mais ampla do nosso comportamento sendo também a mais significativa.

3.2 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

3.2.1 História do TEA

Anos atrás, o autismo ainda era alvo de pesquisas de sua evolução na sociedade, das crianças que já possuíam suas características e das possibilidades de auxiliar elas em todo seu desenvolvimento. Seu reconhecimento ainda era um fato incomum na sociedade, mas décadas para frente foi se dando início a todo conhecimento e entendimento que temos e buscamos ter a cada dia que passa (OZONOFF et al., 2010). A história nos traz como ideia inicial, que por volta do

século XX, atribuíram algo relacionado ao TEA, em diagnósticos de pessoas adultas por conta de seu comportamento isolado, desinteresse em outras pessoas e o cumprimento de rotinas. Nomes como Dr. Kanner e Dr. Bleuler aparecem como estudiosos deste tema.

De acordo com Donovan e Zucker (2017) eles afirmam que antes de algumas investigações realizadas pelo Dr. Kanner e sendo visualizado pelo mesmo que o autismo comprometia o desenvolvimento cognitivo e social das pessoas. O Dr. Bleuler já havia estudado sobre o assunto e até mesmo escreveu relatando sobre as possíveis características do comportamento do autista como tendência em se desconectar e interagir com o meio ambiente, buscando viver exclusivamente em sua própria realidade.

Stelzer (2010) escreveu que, após um ano, o Dr. Hans Asperger, especialista em pediatria, realizou as mesmas experiências que Kanner e observou que algumas daquelas crianças comprometiam a comunicação e as habilidades sociais apresentando características do autismo. No caso desses comportamentos, os diagnósticos de esquizofrenia não apresentavam reações específicas sobre autismo. (GRANDIN; PANEK, 2015).

A partir de então, começa a ser publicadas pesquisas e revisões sobre o autismo inclusive o autismo infantil sendo abordado pelo termo Transtorno Autista. Começaram a reconhecer novas características de seu desenvolvimento na fase severa e invasiva sendo elas: presença de comportamentos, interesses e atividades inalterável, habilidade de interação social recíproca e habilidade de comunicação. (APA, 2002).

A nomenclatura autismo é composta pelo significado de “próprio”, “estado ou orientação”; isto é, como definido por Bleuler 1908 um indivíduo que vive exclusivamente para si. Esse termo se modificou ao longo do tempo de acordo com o aumento das pesquisas e o conhecimento de sua existência. Hoje em dia possui sua definição como Transtorno do Espectro Autista, cuja sua sigla é TEA ordenando pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais. (APA, 2014).

Em 2014, a síndrome de Rett foi retirada das características do TEA, uma vez que acontece a descoberta de que uma variação no seu gene se localiza no cromossomo X. Demonstra assim, que a síndrome de Rett acontece na maioria dos casos em meninas. Inicia-se na primeira etapa da vida infantil, se desenvolvendo até os quatros anos da idade, onde já se pode observar a apresentação da dificuldade

de crescimento físico da cabeça, prejuízos cognitivos e características do Transtorno Espectro Autista (HALGIN; WHITBOURNE, 2015).

Através de todos os estudos no passado, chegamos à conclusão de que o autismo é um desenvolvimento complexo, de acordo com o ponto de vista comportamental, sendo manifestando em vários graus e em diferentes etiologias.

3.2.2 O que é o Autismo e quais são suas características

O Transtorno do Espectro Autista mais denominado como Autismo trata-se de uma síndrome comportamental que envolve o desenvolvimento cognitivo motor e social da criança dificultando a maturação de seu interesse em socializar. (APA, 2013).

Conhecer os sintomas demonstrados pela criança é de grande importância para obter um diagnóstico precoce, a partir dos três anos de idade sendo assim a fase em que a criança já inicia seu desenvolvimento motor e sua oralidade consta-se que seja uma idade ideal para iniciar a avaliação comportamental dessa criança. A alteração no comportamento da criança pode ser percebida por pessoas que estejam ao redor da mesma, dentro de uma rotina como por exemplo: pais, familiares, professores. A partir desse momento, cabe ao adulto que visualizou essas alterações procurar ajuda especializadas, realizando exames, consultas médicas afim de obter o diagnóstico. (ASPERGER,1994).

Asperger (1994, p. 67) relata que " A personalidade autista é altamente distinta apesar das amplas diferenças individuais". A criança com Autismo demonstra muito suas características na infância, começa sendo prejudicada através de práticas simples, adaptação social e problematização da rotina de aprendizagem no ambiente escolar.

Para Aarons e Gittens (1992) os autistas na fase infantil apresentam fisionomia normal inclusive com feições faciais atrativas, sendo essa feição se fazendo presente até em casos da deficiência em estado mais severo. Outras características fisiológicas e cognitiva do autismo é evitar o contato visual, menor expressão facial em diferentes situações, olhar disperso, as alterações somáticas funcionais como problemas de sucção, recusa da introdução alimentar, anorexia precoce, dificuldade de mastigação e ingestão de alimentos torna-se também fatores que se encaixam no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Candeias (1993) relata outro sintoma que seria a insônia sendo ela agitada ou calma sendo mais frequente de acordo com a agitação da criança, o gritar, o movimentar-se constantemente se resultam em uma insônia precoce classificando como mais uma característica do autismo.

O transtorno possui gravidades nas qual cada etapa possui características comuns entre elas como novas alterações nos sintomas. Para Dunlap, Pierce e Kay (1999), autismo é uma disfunção neurológica que se inicia na nascença e se manifesta nos primeiros anos de infância, porém a maioria dos autores acordam com a ideia de ser um transtorno de múltiplas causas e inúmeras manifestações.

A contribuição de Kanner (1943) para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais esclarece que “A Perturbação Autista é algumas vezes referida como autismo precoce, autismo infantil, autismo de Kanner” (APA, 1996,p.68).

Em uma citação mais recente, Kuperstein e Missalglia (2005,p.1) relatam que:

O Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentualmente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo.

A atribuição de Kanner para entender sobre o autismo foi interpretada por Marques (1998) e Pereira (1999) como forma de visualizar a manifestação do seu próprio “eu” nesses indivíduos. Para Kanner a existência do isolamento social do autista possui uma origem congênita, mas para Asperger esta característica se persiste entre adolescência e vida adulta sendo assim construído através de sua vivencia.

De modo geral, as características iniciais do autismo é a dificuldade de desenvolver comunicações verbais, relacionar-se socialmente e realizar atividades lúdicas (DUNLAP; PIERCE; KAY, 1999).

3.2.2.1 Aspectos Cognitivos

Ao se deparar com uma criança ou adulto autistas mais desenvolvidas reparamos nas grandes dificuldades em generalizar. Então para Aarons e Gittens (1992) esses conseguem até compreender como agir em uma determinada situação,

porém se tornam incapazes de passar adiante essa experiência e se adaptar ao novo, se estender em todas as áreas de sua vida em diferentes níveis.

O indivíduo autista tem um cognitivo mais complexo com seu mecanismo capacitado para “(...) julgar os próprios pensamentos e imaginar os estados mentais dos outros (...)” (MARQUES, 1993, p. 62).

A partir do momento que o indivíduo começa a se desenvolver ocorre uma repentina mudança criando um apego que se tornará necessário para próximos períodos, a maioria das pessoas que possuem o Transtorno tende a possuir perturbações cognitivas, denotando-se em deficiência na aprendizagem, conceitos formados e imaginários, essas situações se enquadram em níveis graves e severos. (FERREIRA, 2009).

Asperger (1994, p. 75) finaliza que:

as mesmas crianças que espantam os professores com as suas respostas avançadas e inteligentes, falham miseravelmente nas suas lições. O que eles acham difícil são os aspectos mecânicos da aprendizagem (...) ler, escrever e aritmética.

3.2.2.2 Aspectos Sociais

Colocada como a principal característica do autista um dos aspectos sociais mais comum é a incapacidade de se relacionar em meios interpessoais. Nesse sentido, o comportamento adotado dentro de um grupo social vem sendo fonte de conflitos desde início de sua convivência social, começando em pequenos grupos como a família. Sendo assim, os autistas não sabem lidar com laços familiares, ou seja, relações afetivas, causando incompreensão e tristeza aos pais. (PLUMET; LEBOYER; BEAUDICHON, 1987; PEREIRA, 1996, 1999; JORDAN; POWELL, 1995).

Marques (1993) relata que é notável a incapacidade de distinguir humores, sentimentos e percepção. Plumet, Leboyer e Beaudichon (1987) também relatam, a escassez de suas afeições são pouco explícitas, limitando suas interações sociais procurando se manter isolada.

Em resumo são apresentadas determinadas situações que podem ser consideradas como perturbações existentes de acordo com o nível de percepção,

transparecendo detalhadas alterações sensoriais nesses indivíduos (FRITH; FRITH, 1999).

3.2.2.3 Aspectos Motores

A atividade motora tem uma ligação direta com o desenvolvimento global da criança, pois a partir desse desenvolvimento a criança torna-se consciente do mundo exterior e de seu próprio corpo, apoiando a criança na sua autonomia (LIU, 2013).

Esse desenvolvimento não faz parte da avaliação diagnóstica do autista, sendo assim de pouca compreensão, porém alguns casos podem apresentar dificuldades no processo do desenvolvimento. Avaliar o comportamento motor do autista é de extrema importância para que possíveis decisões sejam dadas se houver algum atraso no desenvolvimento. (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2012).

Para que os pais identifiquem algum déficit motor, pesquisas incentivam que os mesmos estimulem as crianças em vários ambientes diferenciados observando o comportamento da criança em relação a sustentação do tronco, possibilidades de rolar, engatinhar e maneira de andar em diferentes relevos como areia, grama entre outros (AMENT et al. 2015; LIU, 2013; RIQUELME et al., 2016; HANAIE et al., 2016).

Aos professores é indicado observar a interação social da criança durante as atividades, como estão sendo executadas as atividades através dos movimentos, sempre tendo a percepção que cada criança se desenvolve de uma maneira, sendo assim, de forma precoce ou atrasada (MIRANDA; FILHO, 2012).

Quanto mais anteceder o déficit motor identificando, maior a probabilidade da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) receber tratamento qualificado, auxiliando no seu desenvolvimento. (GORLA; ARAÚJO; RODRIGUES, 2009; ROSA NETO, 2002).

Durante a pesquisa observamos a escassez de trabalhos relacionados a avaliações do desenvolvimento motor de autistas comprovando se a síndrome provoca ou não algum agravamento nesse aspecto.

3.3 O Autismo e a Escola

A escola é um ambiente de aprendizagem cognitiva, motora e social nas quais os pais enviam seus filhos para que os mesmos adquiram conhecimentos que agregam sua formação social dentro de uma sociedade. No autismo, não é diferente, porém surgem inúmeras situações diferentes em que pais e professores são desafiados a novos conhecimentos para ensinar e compreender crianças com deficiências.

Sendo assim, Borges (2005, p. 3, apud Bortolozzo, 2007, p. 15) relata que:

Um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado.

Miranda e Filho (2012, p. 12) salientam que, “nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber”.

Contudo, o aluno autista apresenta várias características que podem comprometer desde sua interação social aos seus aspectos cognitivos e motores, necessitando de atendimento especializado em seu processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a Constituição Federal, mais especificamente em seu Art. 205, oferta e garante os direitos educacionais as pessoas com autismo, relacionando a educação como um direito para todos. No Art. 206 também disserta que o acesso as condições e permanência na escola trata-se de estabelecer a igualdade. (BRASIL, 1988).

Já na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) traz um respaldo para que pessoas com deficiências sejam matriculadas em ensino regular. A LDB também institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, possibilitando adaptações cabíveis no acesso educacional que contemple suas necessidades. (BRASIL, 1996)

Santos (2008) relata que um dos lugares que se torna de grande importância na avaliação diagnóstica da criança autista é a escola, pois é neste ambiente *separado* de seus familiares que a criança deve seguir rotinas relacionadas com a interação social, onde podem ser apresentadas suas primeiras dificuldades em seguir essas regras de convivências.

As pessoas quem dizem que o autista não aprende; mas isso é somente um pensamento negativo, pois o aluno com TEA aprende. A aprendizagem é uma das características dos seres humanos; aprendizagem e ensino se interligam na busca da construção do conhecimento. É uma construção dialógica e não interpretativa; expressão imanente da nossa humanidade, que abarca também o aprendizado com o autismo (CUNHA, 2016).

Através dessa síndrome, o que o professor deve fazer para levar o ensino ao seu aluno? Como ele deve agir para que possa oferecer um ensino qualificado ao aluno com TEA?

Essas perguntas acontecem frequentemente a partir do momento em que um aluno com TEA é matriculado em uma escola de ensino regular, na qual é dever do professor e direito do aluno ter um ensino que contemple suas necessidades. A partir desse momento, o professor precisa adaptar toda sua rotina, sua maneira de ensinar e é aí que as modificações se iniciam. “O conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as diferenças individuais dos alunos” (VALLE; MAIA, 2010, p. 23).

Esses tipos de adequações não intencionam modificar a proposta curricular, mas sim flexibilizar e viabilizar o acesso de acordo com as diretrizes curriculares, proporcionando um currículo passível, dinâmico, que atenda às necessidades do discente. Se torna fácil quando o docente tem disponível uma sala especializada para os atendimentos chamada sala de recurso, na qual contribui com planejamento pedagógico e os conteúdos que serão aplicados para que o aluno consiga aprender (VALLE; MAIA, 2010).

O currículo adaptado gera impactos positivos entre escola e família, proporcionando um vínculo e cumplicidade entre os mesmos demonstrando a evolução da criança autista aos desafios enfrentados dentro do ambiente escolar. Com isso faz com que também ocorra estimulação precoce amenizando distúrbios cognitivos e até mesmo motores, a partir do momento que o docente coloca em pratica todo seu processo de ensino descrito no currículo (VALLE; MAIA, 2010).

O trabalho com alunos autista é um desafio diário, onde o docente deve analisar dificuldades, estímulos, limitações como auxílio nas escolhas de suas atividades. A atividade lúdica na educação infantil é de extrema importância quando

se trata do autismo, pois é nela que se proporciona o prazer em aprender por esse motivo Luckesi (2005) define a atividade lúdica como a “plenitude da experiência”.

3.4 O Autismo e a Educação Física

A Educação Física Escolar vem com um papel integrador entre a cultura corporal do movimento e a formação do indivíduo, sendo assim influenciando no processo de desenvolvimento de pessoas com deficiência (BETTI; ZULIANI, 2002).

A proposta educacional da Educação Física em sua prática pedagógica deve oportunizar os alunos em seu desenvolvimento, dando como prioridade o seu desenvolvimento como ser social (BRASIL, 1997). Tendo em vista a aquisição do psicomotor, devemos considerar a interação social e o cognitivo através da linguagem, comunicação e desenvolvimento motor, na ideia de interligar o contexto social e físico (HOLLERBUSCH, 2001).

Para as pessoas com TEA, o professor deve executar um bom planejamento se atentando em detalhes que proporcione a interação do aluno com os demais colegas, a concentração e interesse em realizar as atividades, a compreensão em realizar as rotinas tornando com que os aspectos do indivíduo se tornam cada vez mais estimulados durante o processo (NABEIRO; SILVA, 2019).

O professor como sempre é de grande importância pois é ele que ensina e interage com o aluno, causando um condicionamento emocional, mas trabalhando a utilização das atividades sociais, retirando o foco em somente atividades para os movimentos motores, mas sim para uma aprendizagem geral proporcionando qualidade de vida e avanços na adaptação (HOLLERBUSCH, 2001).

Maher (2017) disserta que acontece uma pequena dificuldade na inclusão de alunos com TEA em equipes para participar das atividades coletivas. Tendo como ponto de vista que atividades realizadas individualmente são mais favorecidas, pelo fato de o aluno realizar de acordo com o seu ritmo, seu tempo e sua maneira de interpretar a atividade, possibilitando ao professor que realize comunicações auxiliando seus alunos.

Oferecer inclusão aos alunos com TEA trazem reações positivas em seu comportamento, o professor que estiver dando aula a esse aluno deve entender e perceber quando intervir e tentar inserir o aluno em grupos para que não sejam

causados constrangimentos e outros traumas dificultando a aprendizagem do aluno (QI; WANG, 2018).

3.5 Como realizar atividades que envolvam o aluno Autista

As atividades tornam-se de grande importância no desenvolvimento do autista pois é por meio dessas que o tratamento passa a ser mais flexível de acordo com a situação. Jogos competitivos, atividades lúdicas, atividades coletivas, sensório motoras que possibilitam o aluno a estimular organização e sequenciamento motor, tem grande eficácia a partir do momento em que o mesmo compreende seu corpo e seus comandos sobre ele (MATIKO OKUDA; NUNES MISQUIATTI; CAPELLINI 2010).

Algumas atividades auxiliam nesse processo sensório motor, aumentando sua sensibilidade motora e possibilitando o conhecimento de fino e grosso na utilização de objetos como pinças, garrafas, estimulando que o aluno toque em variadas texturas, sempre é bom observar a disponibilidade da criança de estar realizando esses exercícios, criando novas estratégias para que a criança se sinta cada vez mais confiante e confortável naquele ambiente.

Em nossas pesquisas observamos algumas atividades e alguns esportes que desenvolvem o autista e beneficia seu motor são eles:

Natação

A natação por ser um meio aquático tende a trabalhar o cardiorrespiratório, na qual além de desenvolver uma habilidade na criança, permite o fortalecimento corporal. Nessa atividade por ser um ambiente diferente da rotina do aluno, o professor deve sempre se atentar ao comportamento, evitar barulhos e trabalhar com o contato visual aluno x professor, trazendo uma segurança maior ao aluno na realização das aulas.

Futebol

Por ser um esporte coletivo já inicia trabalhando a coletividade, inclusão e interação social. No esporte também é pontuado o respeito do cumprimento de regras, objetivos, conquistas e perdas. Isso para o autista é de grande importância

para sua vivencia social, já que o mesmo tem o sentimento de olhar para si vivendo em uma sociedade, torna-se mais compreensível a sociedade para esse aluno através desse esporte.

Hipismo

Trata-se de um esporte de difícil acesso como outros, porém beneficia muito o autista na questão da convivência com animais. Os animais como seres humanos possuem seus comportamentos físico e emocionais, e com isso, o aluno teria uma visibilidade mais sensível sobre o mesmo. Também o cavalo é um animal diferente dos quais o autista tem convívio no dia a dia, causando um interesse maior em vivenciar momentos com o animal. Muitos estudos relatam que em vários momentos o hipismo serve como terapia ao autista pelo fato da convivência com animal e ambiente de natureza, causando um resultado de comportamento mais calmo na criança.

3.5.1 Proposta de atividades que possibilitam a interação dos alunos autistas nas aulas de Educação Física

3.5.1.1 Educação Infantil

Musicalização

Para iniciar o contato com o aluno autista trabalharíamos com musicalização buscando conhecer o interesse pelo aluno em músicas, cantos e danças. A partir da demonstração de interesse do aluno começaríamos a realizar danças que estimulassem a interação dele com a música e se possível com a turma.

Texturas

O contato com texturas em circuitos para que o mesmo compreendesse diversas texturas existentes em nosso meio, identificando as que mais lhe confortasse e a que lhe incomodasse nos possibilitando entender suas escolhas para as próximas atividades.

Atividades que envolvesse o toque nos colegas trabalhando o eu, o outro e nos conteúdos estabelecidos para essa etapa através da BNCC – Base Nacional Comum Curricular. Assim o aluno autista além de interagir com o próximo, adquiria

também confiança para realizar atividades coletivas em que tivesse toques e trocas de objetos.

Psicomotricidade

Psicomotricidade vive diariamente em nossa vida e nessa fase ela se torna essencial para ampliar o nosso desenvolvimento, é através dela que distinguimos a mudança do grosso e do fino, lateralidade, espaço e tempo.

O aluno autista na etapa da Educação Infantil necessita tanto quanto qualquer aluno dessas atividades psicomotoras, o professor deve sempre observar, atentar e adaptar as atividades propostas. A massinha por exemplo nessa fase o autista pode ter a sensibilidade do tato, nossa proposta em atividades que utilizariam desse material optaríamos por sacolas de fecho a vácuo ou luvas de plásticos realizando uma massinha adaptada como; água, cola, tinta colorida. Na qual o aluno não teria contato diretamente com aquele material pegajoso, sendo assim possibilitando o aluno a trabalhar a concentração, coordenação fina e grossa, criatividade pois envolve cores, formas e movimentação.

3.5.1.2 Ensino Fundamental I e II

Esportes

Os esportes trabalham regras, movimentos de agilidade, coletividade, resolução de problemas na qual ao colocar o autista para executá-los começa a desenvolver seu cognitivo iniciando a sua autonomia, desenvolvendo a interação social, tomada de decisão, respeito de regras e limitação de atitudes. Condicionando o autista a começar a compreender suas atitudes e das que vivem em seu redor, entendendo mais a situação e o ambiente em que vive, se preparando mais um meio social mais movimentando e agitado que envolve regras e limitações para viver dentro dessa sociedade.

Circuitos

Circuitos tem o intuito de trabalhar a saúde corporal, agilidade e habilidade dos alunos. Com o autismo a atividade tem o mesmo objetivo, porém o professor deve sempre visualizar a capacidade de execução do aluno em questão do exercício que será passado. A proposta do circuito nas aulas de educação física vem como

uma ponta para iniciação esportiva, então optamos por trabalhar também com os circuitos a fim de preparar o aluno autista para os pequenos desafios que enfrentariam mais para frente. Nessas atividades o aluno autista trabalha a capacidade de compreender diferentes situações de movimento em uma mesma atividade, alguns circuitos são realizados com intenção competitiva, outras com cooperação e de modo geral todas elas são importantes para o desenvolvimento global do autista.

Essas atividades pesquisadas e observadas pelos envolvidos nos trabalhos foram mencionadas como as principais a serem utilizadas em ambiente escolar com alunos autista. Elas trabalham pontos importantes no desenvolvimento e tratamento do Transtorno Espectro Autista, são nelas que os autistas irão se permitir conhecer e deixar ser conhecido, pois é na disciplina de Educação Física que a criança se sente mais livre para utilizar a expressão corporal do movimento. Sendo assim discutidas pelos membros como um auxiliador no desenvolvimento global do autista.

3.5.1.3 Ensino Médio

No Ensino Médio o ensino já trabalha mais voltado a socialização e formação do individuo para o mercado de trabalho, fazendo com que o mesmo passe por momentos de mais autonomia, desafios e resoluções de problemas. As atividades durante as aulas de Educação Física vêm com essa proposta de prepara-los para essa sociedade, envolvendo-os em práticas pedagógicas que ofereçam esse conflito entre o si próprio e a sociedade.

Sendo assim atividades que impõem regras, trabalhos coletivos e desafios são os mais utilizados nessa etapa. Para o autista dependo do seu grau, surge a grande dificuldade de compreensão desse todo, mas como o auxilio do professor e entendimento dos colegas na tentativa de auxiliar e atender as necessidades inclusivas, atividades que envolvam relacionamento coletivo podem, nem em todas as situações se tornarem um grande aprendizado ao autista.

Os esportes são uns grandes exemplos de atividades a serem aplicados aos alunos autista, sempre do lúdico ao técnico para que o professor consiga dosar e alcançar o objetivo esperado.

3.6 Discussões

Avaliamos que o autismo ainda é muito desconhecido, pois além de apresentar várias características que muitas das vezes nos dificultam a analisá-lo por completo, pesquisas não envolvem o quanto algumas disciplinas conseguem beneficiar, auxiliar e trabalhar o indivíduo que possui o transtorno. Obtivemos que a sociedade ainda não se aplica a realidade que o transtorno vivencia, e sim se molda em pequenas características podendo dificultar o estudo de capacitação, o trabalho a ser desenvolvido e o próprio autista através da concepção de outro ser.

Esta pesquisa disserta de uma forma ampla sem classificar graus e característica do autista, mas tendo de fazer com que você leitor compreenda que existe possibilidades de serem efetuadas essas e outras atividades envolvidas no ambiente escolar juntos a disciplina Educação física que agregam valores sociais, físicos e cognitivos nos alunos autistas.

4. CONCLUSÃO

Concluimos que nossas pesquisas nos trouxeram as reflexões do quanto é importante se qualificar e se desafiar a vivenciar esse mundo inclusivo.

Nossos resultados nos mostraram que ainda existem grandes dificuldades do professor de Educação Física lidar com um aluno autista, não por sua culpa, mas muitas das vezes pela falta de recurso e apoio escolar. Falta de Preparo do corpo docente como um todo e da estrutura física, recursos e pessoal das instituições.

Oferecer inclusão aos alunos com TEA trazem reações positivas em seu comportamento. O professor que estiver dando aula a esse aluno deve visualizar e compreender o momento de intervir e tentar inserir o aluno em grupos para que não sejam causados constrangimentos ou outros traumas, dificultando a aprendizagem do aluno e causando uma dificuldade de comunicação entre o professor e o aluno.

A escola por sua vez é um ambiente de aprendizagem cognitiva, motora e social na qual se torna essencial para o autista, pois é a partir daquele meio social, que ele se prepara e depara com situações que o prepara para outros meios.

De modo geral, observamos que a Educação Física traz grandes benefícios ao TEA de maneira global, desenvolvendo e compreendendo o seu lado individual

com propostas de aprendizagens motoras, cognitivas, emocionais, reforçando a qualidade de vida desses alunos.

REFERÊNCIAS

AARONS, M; GITTENS, T. The handbook of autism: a guide for parents and professionals. London: Routledge, 1992.

AMENT, K. et al. Evidence for specificity of motor impairments in catching and balance in children with autism. *J Autism Dev Disord.* 45(3), p. 742-51; 45(3), p. 742-51; March 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100007

APA. **American Psychiatric Association.** DSM-IV: manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais. Lisboa: Climepsi Editores, 1996.

APA. **American Psychiatry Association.** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-IV-TR. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APA. **American Psychiatric Association.** Diagnostic and Statistical Manual of Disorders, Fifth Editions (DSM-V) Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

APA. **American Psychiatry Association.** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASPERGER, Hans. Austistic psychopathy in childhood. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrakheiten*, v. 117, 1944.

ASPERGER, H. 'Autistic Psychopathy' in childhood. (trans. U. Frith) In: Frith U. *Autism and Asperger Syndrome.* Cambridge: Cambridge University Press; 1944/1992. p. 37-62

ASSUNÇÃO C.; COELHO, P.A. XXI CIC - *Congresso de Iniciação científica da UNESP*. 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd163/a-importancia-da-aula-de-educacao-fisica.htm>

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988 – ARTIGOS 205, 206, 208, 212, 214:** Constituição Federal. São Paulo: Brasil, 1988. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/quem-somos/legis/200-educando/material-escolar/2188-constituicao-federal-1988-artigos-205-206-208-212-214>.

BRASIL. Presidência da República. *Lei no 10.328, de 12 de dezembro de 2001*. Diário Oficial, Brasília, 13 dez. 2001. <https://www.efdeportes.com/efd130/educacao-fisica-escolar-entre-a-legislacao-e-a-acao.htm>

CANDEIAS, M. Autismo: Sinais precoces. *Fórum Sociológico*, 3, 25-31,1993.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar-deias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

DARIDO, S. C.; Rangel, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005. <https://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>

DONOVAN, J., & ZUCKER, C. (2017). *Outra sintonia - a história do autismo (1a)*. São Paulo: Companhia das Letras.

DUNLAP; PIERCE; KAY. *Autism and Autism Spectrum Disorder (ASD)*, 1999.

FERREIRA, Joana Cristina Paulino. Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo. Porto, 2009. Dissertação (Monografia em Educação Física); Faculdade de Desporto; Universidade do Porto, 2009.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Editora Scipione. 1997. <https://www.efdeportes.com/efd163/a-importancia-da-aula-de-educacao-fisica.htm>

FRITH, C.D.; FRITH, U. Interacting minds: a biological basis. *Science*. 1999; 286 (5445): 1692 - 5. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbhCsndB9Sf5ph5KBYGD/?lang=pt&format=pdf>

FONSECA, Vitor da. **Da filogênese à ontogênese da motricidade**. Porto Alegre: Artes, 1988.

GAIARSA, J.A. **O que é corpo**. 7. ed. São Paulo: editora Brasiliense. 2002. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd163/a-importancia-da-aula-de-educacao-fisica.htm>

GORLA, J.I.; ARAÚJO, P.F.; RODRIGUES, J.L. Avaliação motora em educação física adaptada. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2009. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/8Xtc9zVHzqftP3Gcx6GmpNQ/?lang=pt>

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. O cérebro autista: pensando através do espectro. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GUTIERREZ, W. **História da Educação Física**. 1972. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>

HALGIN, Richard; WHITBOURNE, Susan Karauss. Psicopatologia: perspectivas dos transtornos psicológicos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/979/967>

HANAIE, R. et al. White matter volume in the brainstem and inferior parietal lobule is related to motor performance in children with autism spectrum disorder: A voxel-based morphometry study. *Autism Research*, 2016. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100007

HOLLERBUSCH, R. M. S. L. **O Desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo**: Estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal. 2001. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência do Desporto - Atividade Física Adaptada, Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto, 2001.

JORDAN, R. *Understanding and teaching children with autism*. Chichester: John Wiley & Sons, 1995.

KANNER, Leo. Autistic Disturbances of Affective Contact. *Nervous Child*, 2, p. 217-250, 1943.

KUPERSTEIN, A.; MISSALGLIA V. *Autismo*, 2005. Disponível em: <www.autismo.com.br>

LEBOYER, Marion. *Autismo infantil: fatos e modelos*. Campinas: Papyrus, 1987. <https://core.ac.uk> >

LIU, T.; BRESLIN, C. M. Fine and gross motor performance of the MABC-2 by children with autism spectrum disorder and typically developing children. *Research in Autism Spectrum Disorders*, Volume 7, Issue 10, p. 1244–1249, October 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100007

LOVISOLO, H. **Educação física: arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint; 1995. <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/Bqn9wHyTThPRXgf9XnSSVPD/?lang=pt>

LUCKESI, Cipriano Carlos. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade, **Interfaces da Educação, Cadernos de Pesquisa** – Núcleo de Filosofia e História da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, n. 1, 2005.

MAHER, A. J. We've got a few who don't go to PE. *European Physical Education Review*, v. 23, n. 2, p. 257-270, 20 de maio de 2017.

MARQUES, C. Perturbações do espectro do Autismo: ensaio de uma intervenção construtivista desenvolvimentista com mães. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, 1998.

MARQUES, M. Autismo e Solidão. *Pais & Filhos*, 34, p. 62, 1993.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2003.

MATIKO OKUDA, Paola; NUNES MISQUIATTI, Andrea Regina; CAPELLINI, Simone Aparecida. Caracterização do perfil motor de escolares com transtorno autístico. *Revista Educação Especial*, v. 23, n. 38, 2010. <https://vitallogy.com>

MEDINA, João Paulo S. *A Educação Física cuida do corpo e "mente"*. 3ª ed. Campinas: Papyrus Livraria Editora. 1983. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd163/a-importancia-da-aula-de-educacao-fisica.htm>

MIRANDA, Terezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão. O professor e a educação inclusiva - formação, práticas e lugares. Organizadores- EDUFBA-Salvador, p. 123-138, 2012.

NABEIRO, M.; SILVA, F. C. T. Atividade física e transtorno do espectro autista. *In: Atividade física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. 4. ed. Barueri: Manole, p. 97-122, 2019

OZONOFF, S. et al. A prospective study of the emergence of early behavioral signs of autism. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 49 (3), 256-266, 2010.

PEREIRA, E. Autismo: do conceito à pessoa. Lisboa: Secretariado de Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 1996

PEREIRA, E. Autismo: o significado como processo central. Lisboa: Secretariado de Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 1999.

PIZARRO, Miryan Santos. Las Ventajas De La Educación Física En Educación Primaria. Badajoz, España: Paidex: **Revista Extremeña sobre Formación y Educación**. 2011. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arg-idvol_32_1421443852.pdf

POWELL, S.; JORDAN, R. Autism and Learning: a guide to good practice. London: David Fulton, 1997.

QI, J.; WANG, L. Social interaction between students with and without disabilities in general physical education: a Chinese perspective. **Physical Education And Sport Pedagogy**, v. 23, n. 6, p.575-591, 12 jun. 2018.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>

REIS, H. S.; PEREIRA, A. P. S.; ALMEIDA, L.S. Avaliação do perfil desenvolvimental das crianças com perturbação do espectro do autismo: construção e validação de um instrumento. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL "CONTRIBUTOS DA PSICOLOGIA EM CONTEXTOS EDUCATIVO"**, 2, Braga. *Anais*. Braga, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/8Xtc9zVHzqftP3Gcx6GmpNQ/?lang=pt>

RIQUELME, I.; HATEM, S. M.; MONTOY, P. Abnormal Pressure Pain, Touch Sensitivity, Proprioception, and Manual Dexterity in Children with Autism Spectrum Disorders. Hindawi Publishing Corporation Neural Plasticity, 2016. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100007

ROCHEAL, L. A **importância da Psicomotricidade no processo de aprendizagem**, 2009. Disponível em: <http://psicologiaeducacao.wordpress.com/2009/05/11>

SANTOS, A. M. T. dos. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>.

SILVA, Viviane Sabido et al. A importância da Educação Física Escolar no desenvolvimento motor de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Visão dos responsáveis. EFDeportes: Buenos Aires, (16) 156, 2011. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd156/a-educacao-fisica-escolar-do-ensino-fundamental.htm>>

STELZER, Fernando Gustavo. Uma pequena história do autismo. São Leopoldo, RS, Oikos, (Cadernos pandorga de autismo, vol. 1), 2010.

TOMÉ, Maycon Cleber. Educação Física Como Auxiliar no Desenvolvimento cognitivo e Corporal de Autistas. Movimento e Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 8, n. 11, p.1-18, 01 dez. 2007. <https://www.efdeportes.com/efd215/a-participacao-do-autista-de-educacao-fisica.htm>

VALLE, T. G. M.; MAIA , A. C. B. **Aprendizagem do comportamento humano**. São Paulo: cultura acadêmica, 2010.

VATAVUK, M. C. **Ensinando educação física e indicando exercício em uma situação estruturada e em um contexto comunicativo: foco na interação social**; Congresso Autismo - Europa, Barcelona, 1996.